



*A METALINGUAGEM DA GRAMÁTICA GERAL E RAZOADA
DE PORT-ROYAL*

Bernard COLOMBAT¹
Université Paris Cité
Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques (UMR 7597), CNRS (Paris)

Tradução de Jorge Viana de Moraes
(USP – Universidade de São Paulo)

RESUMO: O objetivo deste artigo é examinar a metalinguagem da Gramática Geral e Razoada de Port-Royal, obra que marca o “nascimento da gramática moderna”, título emprestado de Marc Dominicy (1984). Utilizando a edição crítica que Jean-Marie Fournier e eu preparamos (Colombat e Fournier, 2023), focarei em diversos aspectos dessa metalin

¹ Obteve a agregação em gramática em 1971, defendeu uma tese de doutorado em 1979, bem como uma tese de doutorado estatal em 1991. É Professor e Pesquisador francês (Emérito) na Université Paris Cité (anteriormente de nominada Paris 7 - Denis Diderot) e no Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques (UMR 7597), CNRS (Paris). Trabalha, principalmente, com a história da tradição gramatical latina e com o estudo da sintaxe latina, a partir do século XVI até o XVIII, a respeito do que publicou o livro *Les figures de construction dans la syntaxe latine: 1500-1780* (Peteers, 1993) e as alentadas obras *La grammaire latine en France à la Renaissance et à l'âge classique: théorie et pédagogie* (Grenoble, Ellug, 1999); *Mithridate* de Conrad Gessner (1555), introdução, tradução, anotação e indexação, com Manfred Peters, Genève, Droz, Travaux d'Humanisme et Renaissance, 592 páginas, 2009. Publicou recentemente a *Grammaire générale et raisonnée, d'Antoine Arnauld e Claude Lancelot*, edição crítica, com Jean-Marie Fournier, Paris, Garnier, 613 páginas, 2023. É autor de várias outras obras, de capítulos e de artigos publicados em periódicos. Tem traduzida para o português *Uma História das ideias linguísticas* (São Paulo: Contexto, 2019), escrita com a colaboração de Jean-Marie Fournier e Christian Puech. Sob a direção do professor Colombat há trabalhos coletivos, por ele denominados “transversais”, relevantes ao desenvolvimento dos estudos das ciências da linguagem, dentre os quais destacam-se o *Corpus de textes linguistiques fondamentaux (CTLF)*. Destaca-se, finalmente, que Bernard Colombat é considerado o mais atuante da França, hoje. E-mail: <bernard.colombat@orange.fr>.

guagem. A meta aqui não é reconstituir a história – frequentemente complexa, até mesmo caótica – desses termos, mas sim examinar o uso de alguns deles.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática Geral e Razoada (GGR). Port-Royal. Metalinguagem. Gramática Moderna. Edição Crítica. Terminologia.

LE METALANGAGE DE LA GRAMMAIRE GENERALE ET RAISONNEE DE PORT-ROYAL

RÉSUMÉ: L'objectif de la présente contribution est de s'interroger sur le métalangage de la *Grammaire générale et raisonnée* de Port-Royal, un ouvrage qui marque la « naissance de la grammaire moderne » selon un titre repris à Marc Dominicy (1984). À partir de l'édition critique que nous en avons préparée, Jean-Marie Fournier et moi-même (Colombat et Fournier, 2023), je m'attacherai à *quelques aspects* de ce métalangage. Il ne s'agira pas ici de retracer l'histoire – souvent complexe, voire chaotique – de ces termes, mais d'examiner l'emploi de *quelques-uns* d'entre eux.

MOTS-CLES : Grammaire générale et raisonnée (GGR). Port-Royal. Métalangage. Grammaire moderne. Édition critique. Terminologie.

INTRODUÇÃO

Esta contribuição é obviamente dirigida ao autor do *Dicionário de Ciências da Linguagem*.^[2] Para quem analisa esta obra, a mistura ou alternância entre a terminologia tradicional e a terminologia específica da linguística moderna é bastante fascinante. O latinista ou o helenista encontrará ali nomes familiares, como nomes de casos, *categorema* (e *sincategorema*), *metaplasmo*, *supino*, etc., e, ao lado destes, termos, diríamos, mais “modernos”, co-

²[As notas entre colchetes são as do tradutor, NT: Colombat refere-se aqui a Franck NEVEU, linguista e autor do *Dictionnaire des sciences du langage*, publicado na França, em 2004. Há uma tradução dessa obra em português brasileiro, *Dicionário de ciências da linguagem* publicada em 2008, pela Editora Vozes. O presente artigo de Colombat, aqui traduzido, foi publicado originalmente em francês como um dos capítulos da obra: **Concert mondial de linguistique française: Mélanges offerts à Franck Neveu** (homenagem em honra a Franck Neveu)].

mo *analisador*, *booleano*, *cronogênese*, *parsing*³ etc., ou acrônimos (HPSG, HTM, HTML, HTTP). A reativação de termos antigos — especialmente gregos — é igualmente onipresente (*anarthria*⁴, *clítico*, *endófora*, *cálculo lambda* etc.), mostrando que é sobre bases, na maioria das vezes, muito antigas que se desenvolve uma terminologia linguística em perpétua evolução.

O objetivo da presente contribuição é examinar a metalinguagem da *Gramática Geral e Razoada* de Port-Royal, obra que marca o “nascimento da gramática moderna”, de acordo com um título emprestado de Marc Dominy (1984). A partir da edição crítica que Jean-Marie Fournier e eu preparamos (Colombat et Fournier, 2023), vou me concentrar em *alguns aspectos* dessa metalinguagem. O objetivo aqui não é reconstituir a história — frequentemente complexa, até mesmo caótica — desses termos, mas examinar o emprego de *alguns* deles.

1. PENSAMENTO, PENSAR, SIGNO, SIGNIFICAR, SIGNIFICAÇÃO

Esses termos aparecem logo na primeira página da *Gramática Geral e Razoada* (doravante *GGR*)⁵. Evidentemente, eles são essenciais, já que a linguagem é composta de “*sons*” e “*vox*” [vozes], que são “*signes*” [signos] que permitem aos homens “*signifier*” [significar] “*les pensées*” [os pensamentos] uns dos outros (p. 5). Eles são sucedidos pelo termo “*esprit*” [espírito] (“o que se

³ [NT: do inglês *parsing*, oriundo da *Sintaxe Computacional*, que significa *análise sintática*. O termo já está estabelecido entre os especialistas no Brasil que, normalmente, não o traduzem. *Parsagem* ou *parsing* é o processo automático, realizado por um programa de computador chamado *parser* (analisador sintático), que analisa uma sequência de entrada (como código-fonte, texto natural ou dados) para determinar sua estrutura hierárquica e se ela está em conformidade com as regras sintáticas (gramática) da linguagem.]

⁴ [NT: Distúrbio da linguagem resultante de uma lesão cerebral e caracterizado pela incapacidade ou grande dificuldade em articular sons da fala. Sinônimo: *afasia motora subcortical* (Garnier-Del. 1958)].

⁵ Examinado na 3ª edição (1676), que é a edição de referência. [NT: durante o processo de tradução, confrontamos a versão referida por Colombat com a da edição brasileira, já clássica entre nós, na tradução de Bruno Basseto e Henrique Muracho. Quando se julgou conveniente, seguimos de perto, ou em partes, a tradução brasileira; em outras, nos distanciamos dela].

passa em nosso *espírito*^{6]} (p. 26), que aparece um pouco mais adiante, após a breve menção ao “*matérial*” [material] da fala. Dada a natureza bem conhecida do início da *GGR*, a evocação dessa ligação entre linguagem e espírito parece natural. No entanto, deve-se ressaltar que esse não é geralmente o caso na gramática ocidental anterior, que raramente evidencia, com tanta ênfase, a ligação entre pensamento e linguagem.

2. FONÉTICA: A NATUREZA DOS SONS

A primeira parte da *GGR*, dedicada ao material da língua, não implementa nenhuma metalinguagem particular, específica. Contém os termos tradicionais para *consonne* [consoante] (às vezes grafada *consonante*), *vogal*, e aberto, e fechado, e mudo ou feminino, o aberto, o fechado; no que diz respeito à sílaba, os termos *ditongo*, *tritongos*, acento (pl. *acentos*: acento agudo, acento grave, acento circunflexo), mas também em hebraico *atnach* e *silluk*, “que marcam a distinção de períodos”, mas “não deixam de marcar ao mesmo tempo também o acento natural” (p. 17).

Essa observação mostra que se leva em conta uma certa diversidade nas línguas e, além do hebraico, menciona-se, por exemplo, no caso do grego, o “digamma dos Eólios” (p. 11) e do *espírito áspero* (que corresponde ao nosso espírito rude) (ibid.). Do mesmo modo, no alfabeto grego, observa-se que “as três aspiradas φ, χ, θ, não são sons simples, mas compostos de π, κ, τ, com as piração. E as três consoantes duplas ζ, ξ, ψ, não são, visivelmente, senão abreviações de escrita, para *ds*, *cs*, *os*” (p. 13).

⁶ [NT: Em contextos do século XVII, – como na obra de René Descartes, com quem Arnauld, um dos autores da *GGR*, mantinha forte correspondência, escrevendo, inclusive as *Quartas Objeções às Meditações Metafísicas de Descartes*, a convite do próprio filósofo – *esprit* costuma ser traduzido como “espírito” ou “mente”, referindo-se à faculdade do pensamento e da razão. No original deste artigo o termo também aparece como *esprit*. Por todas essas razões optamos por manter a tradução como *espírito*].

Mas os dados mais numerosos e mais originais dizem respeito ao hebraico (originais sobretudo para nós, já que a participação do hebraico nas atividades intelectuais de *Port-Royal* sempre foi muito importante). A *GGR* apresenta sistematicamente os nomes hebraicos das consoantes (p. 10), com observações sobre *Aleph, He, Aiin, He, Heth, Thau, Teth, Caph, Ceph e Tsade* (pp. 12-13).

A observação mais interessante diz certamente respeito ao schwa (*scheua*), pois os *Messieurs de Port Royal* o retiram do âmbito exclusivo da gramática hebraica, considerando que ele “se encontra necessariamente em todas as línguas, embora não se lhe preste atenção, porque não há um caractere para o marcar” (p. 8). Assim, eles o veem no latim *scamnum*, que analisam, portanto, como [skamɔnum], e na sua representação pela letra e no francês *netteté* [nitidez/clareza], *j'aimerai* [eu amarei], *donneray* [grafia antiga de *donnerai*, “darei”], etc., ou ainda na “meia sílaba” final de *vie*, [vida] *vué* [grafia antiga de *vue*, “vista”], *aimée* [amada] (pp. 8-9).

3. CONCEBER, JULGAR, RACIOCINAR

Considera-se em geral que a *GGR* é a obra que introduziu na gramática francesa, ou até mesmo na gramática de todas as línguas vernáculas, uma análise lógica a partir da noção de proposição. É sem dúvida desnecessário lembrar três operações do espírito definidas por Port-Royal: *concevoir, juger, raisonner* [conceber, julgar, raciocinar], sendo que a última consiste em “*se servir de deux jugemens pour en faire un troisième*” [“servir-se de dois juízos para formar um terceiro”] (p. 28) e diz respeito, portanto, mais à lógica do que à gramática. Desde então, esta última só precisa levar em conta as duas primeiras ou, antes, *ce qui est enfermé de la premiere dans la seconde. Car les hommes ne parlent gueres pour exprimer simplement ce qu'ils conçoivent; mais c'est presque toujours pour exprimer les jugemens qu'ils font des choses qu'ils conçoivent* [“o que está contido da primeira na segunda. Pois os homens raramente falam para exprimir simplesmente o que concebem; quase sempre é para exprimir os juízos que fazem das coisas que concebem”] (*ibid.*). O resultado disso é a proposição.

4. A PROPOSIÇÃO

O juízo que fazemos das coisas, como quando digo: A Terra é redonda, chama-se PROPOSIÇÃO; e assim toda proposição encerra necessariamente dois termos: um chamado sujeito, que é aquilo de que se afirma, como Terra; e o outro chamado atributo, que é aquilo que afirma, como redonda; e, além disso, a ligação entre esses dois termos, é (II, 1, pp. 28-29).

Considera-se que todos conhecem essa frase, mas não é inútil comentar – mais uma vez – seus elementos em relação ao nosso tema. *Proposition* [proposição] (73 ocorrências) não é, em meados do século XVII, um termo comum na gramática francesa, mas encontra-se várias vezes o uso do termo latino *propositio* [proposição] nas gramáticas francesas escritas em latim por Garnier (1558) e Serreius (1623 [1598]). Garnier o emprega, por exemplo, para opor tal forma pronominal usada sozinha ou em um enunciado, e tanto um quanto o outro utilizam para distinguir a negação usada sozinha (*non* [não]) e a negação usada em um enunciado (*ne... pas*[não]). *Sujet* [sujeito] (77 ocorrências), definido aqui como “aquilo de que se afirma”, será retomado muitas vezes na GGR, mas não necessariamente nesse sentido inicial, e em oposição a outros termos (como *objet* [objeto]; ver adiante) além de *attribut* [atributo]. Este último, aparece sobretudo nos capítulos II, 9 (*Du Pronom appelé relatif* [Do Pronome chamado relativo]), II, 13 (*Des Verbes : et de ce qui leur est propre et essentiel* [Dos Verbos: e do que lhes é próprio e essencial]) e II, 18 (*Des Verbes qu'on peut appeller Adjectifs* [Dos Verbos que se podem chamar adjetivos]). Se ele designa mais frequentemente o adjetivo ou o particípio em *-ant* depois do verbo *être* [ser/estar], esse não é seu uso exclusivo: em *misere vivitur*,

[vive-se miseravelmente] “a vida é miserável”, *misere* “faz o atributo da proposição” [“*fait l’attribut de la proposition*”] (p. 127)

Liaison [ligação] (15 ocorrências) é usado para designar, como na citação anterior, a *cópula*, e será novamente retomado em II, 13 (p. 94-95) em termos semelhantes. Mas este não é o uso mais frequente: de fato, é sobretudo a propósito do relativo (II, 9; 7 ocorrências) que o termo é empregado, aplicado ao pronome relativo, que tem dois usos conjuntos: o de ser relativo, isto é, anafórico, e o de, precisamente, ligação, mas ele pode conservar apenas esta última função, por exemplo, em “*le que des François*” [o que dos franceses] (p. 76), podendo, no entanto, perdê-la também, por exemplo, naquilo que chamamos de “relativo de ligação” (*relatif de liaison*), ao passo que, segundo os Senhores [de Port-Royal], “*la force du relatif, comme liaison, y est presque toute perdu*” [“a força do relativo, como ligação, aí está quase toda perdida”] (p. 77)

Na realidade, a redução da análise da proposição à simples estrutura *sujet – liaison – attribut* [sujeito – ligação – atributo], ilustrada por um único exemplo, *la terre est ronde* [a terra é redonda] (p. 28 e 94), não deixa de colocar problemas. É verdade que a redução de todo verbo à estrutura é + participio em -*ant* (p. 96) permite ver no verbo “substantivo” o protótipo de todo verbo: “é a mesma coisa dizer *Pierre vit* [Pedro vive], que dizer, *Pierre est vivant* [Pedro é vivente] [“*c’est la mesme chose de dire Pierre vit, que de dire, Pierre est vivant*”] (p. 97).

Mas isso não resolve em nada a questão do estatuto do que segue (ou acompanha) um verbo ativo, quer se chame *objeto* ou, como se fará um século mais tarde, *complemento* – um termo que não se encontra na *GGR*.

5. *OBJETO DO NOSSO PENSAMENTO VERSUS FORMA OU MODO DO NOSSO PENSAMENTO*

A maior distinção daquilo que se passa em nosso espírito é dizer que nele se pode considerar o objeto do nosso pensamento; e a forma ou a maneira do nosso pensamento, da qual a principal é o julgamento. (II, 1, p. 29)

Port-Royal estabelece duas classes de palavras: aquelas que significam os objetos de nossos pensamentos, a saber: nomes, artigos, pronomes, participios, preposições, advérbios; e aquelas que significam a forma e a maneira de nossos pensamentos, a saber: verbos, conjunções e interjeições. Os problemas suscitados (*soulevés*) por essa repartição são numerosos, não retornaremos a eles aqui. Limitemo-nos a constatar que Port-Royal reencontra exatamente as oito partes do discurso da tradição latina, às quais a gramática francesa acrescentou o artigo, ao passo que gramáticos do século precedente (Ramus 1572, Sanctius 1587) haviam proposto uma remodelação delas.

6. *OS OBJETOS DE NOSSOS PENSAMENTOS, SUBSTÂNCIA E ACIDENTE, SUBSTANTIVO E ADJETIVO*

Os objetos de nossos pensamentos são ou as coisas, como a Terra, o Sol, a água, a madeira, o que se chama ordinariamente substância; ou a maneira das coisas, como ser redondo, ser vermelho, ser duro, ser sábio etc., o que se chama acidente. [...]. É isso o que produziu a principal diferença entre as palavras que significam os objetos dos pensamentos: pois aquelas que significam as substâncias foram chamadas nomes substantivos, e as

que significam os acidentes, ao assinalarem o sujeito ao qual esses acidentes convêm, nomes adjetivos. (II, 2, p. 30-31)

A aplicação de um conteúdo de pensamento a um objeto do mundo real poderia chamar-se désignation [designação]. Os Senhores [de Port Royal] empregam pouco o termo (7 ocorrências, das quais duas para o termo latino correspondente), mas utilizam com muito mais frequência signifier [significar] e signification [significação] (170 ocorrências). O que há, sem dúvida, de mais notável nessas definições do substantivo e do adjetivo é que não há uma definição global para o nom [nome]. Desde o início, as duas categorias de nomes são separadas: o nome substantivo designa uma coisa (129 ocorrências do termo) ou uma substância (12 ocorrências), o adjetivo a maniere [a maneira, o modo de ser] (40 ocorrências, algumas delas em um sentido menos “técnico”). O fato é digno de nota, pois essa apresentação dispensa os Senhores de fornecer uma definição global do nome.

7. DISTINTO VS. CONFUSO, DETERMINADO VS. INDETERMINADO, ESSENCIAL VS. ACIDENTAL

A diferença entre as duas subcategorias de substantivos é reforçada pela diferença em seus respectivos modos de significado:

Ora, aquilo que faz com que um nome não possa subsistir por si mesmo, é quando, além de sua significação específico, tem ainda outra confusa, que pode se chamar de conotação de uma coisa à qual convêm o que é marcado pela significação distinta. (II, 2, pp. 31-32)

Confus et distinct [*Confuso e distinto*] tornam-se, assim, termos semi-técnicos, o sintagma *signification confuse* [*significação confusa*] ele próprio glosado pelo termo mais técnico *connotation* [*conotação*] (5 empregos). Alguns termos emergem dessa análise: não se encontra nenhum emprego de *concret* [*concreto*], mas dois de *abstrait* [*abstrato*], ele próprio glosado por «séparé» [separado] para designar os substantivos criados a partir de adjetivos formados dos nomes de substância e despojados de sua conotação (*homme* [homem] > *humain* [humano] > *humanité* [humanidade], p. 33). A *détermination* [*determinação*] (vs *signification vague* [*significação vaga*]) é um conceito essencial na análise do artigo (II, 7), *déterminer* [determinar] sendo ele próprio fonte de termos tais como *déterminément* [*determinadamente*] ou *indéterminément* [*indeterminadamente*]. Este último termo é utilizado na definição de um dos dois pretéritos, aquele que «marca a coisa feita indeterminadamente» (*nosso passé simple*) [*nosso pretérito perfeito simples*], em oposição àquele que a marca «feita precisamente» (*nosso passé composé*)[1] (p. 108).

Prova de que a metalinguagem ainda não está enclausurada em quadros estritos. E de que se desdobra em oposições que traduzem uma realidade complexa. Viu-se o *accident* [*acidente*] oposto à *substance* [*substância*]; mas *accident/accidentel* [*acidente/acidental*] pode igualmente opor-se a *essence/essentiel* [essência/essencial]. É nesse sentido que se pode dizer que «o verbo, segundo aquilo que lhe é essencial, é uma palavra que significa a afirmação. Mas, se se quiser reunir na definição do verbo seus principais acidentes», poder-se-á atribuir-lhe a pessoa, o número e o tempo (II, 13, p. 104). Encontra-se aí uma terminologia tradicional para designar as categorias linguísticas que afetam as diferentes classes de palavras.

8. *TERMINOLOGIA ENRAIZADA NA TRADIÇÃO: O USO DE CASOS LATINOS*

A terminologia da *GGR* reserva um amplo espaço aos fenômenos linguísticos latinos, o que se tem o direito de esperar de uma obra que dá tanto lugar às línguas antigas – latim, grego, hebraico – quanto às vernáculos modernas. Não surpreende, portanto, que se veja um capítulo dedicado aos casos, mas que traz em seu título a menção das preposições concebidas como sucedâneos dos casos (*Des cas et des prepositions entant qu'il est necessaire d'en parler pour entendre quelques cas*, II, 6, p. 43). Nesse capítulo, os casos são descritos essencialmente em latim, com alusões ao grego e ao hebraico na medida em que os textos sagrados puderam colocar problemas de tradução. Mas o sistema casual latino é utilizado muito além desse quadro e justificado pelo fato de que «há poucas línguas que não tenham algumas espécies de casos nos pronomes, e que, sem isso, não se saberia entender bem a ligação do discurso, que se chama *Construction*» (p. 43-44).

De fato, são inumeráveis os exemplos que descrevem os fenômenos do francês por meio do sistema casual latino². O fato é particularmente patente nos capítulos II, 7 (*Des articles*) e II, 8 (*Des pronoms*). Os quadros aí inseridos (p. 54 e 61) mencionam os nomes dos casos para descrever os fenômenos franceses. No entanto, os Senhores avançam com cautela: a propósito de *le* e *la*, afirmam:

Esses artigos não têm propriamente casos, assim como os nomes. Mas o que faz com que o artigo *le* pareça tê-los é que o genitivo e o dativo se formam sempre no plural, e muitas vezes no singular, por uma contração das partículas *de* e *a*, que são as marcas desses dois casos, com o plural *les* e o singular *le*. Pois, no plural, que é comum aos dois gêneros, diz-se sempre, no genitivo, *des*, por contração de *de les*. (II, 7, p. 52-53)

Os fatos latinos e franceses parecem aqui bem distinguidos: diz-se claramente que a categoria casual não existe propriamente em francês e que ela é apenas uma aparência. O genitivo e o dativo se fazem pelas partículas, mas o atalho no fim da citação mostra que *des* é afinal analisado como um genitivo. E a continuação o confirma:

Em todos os outros masculinos que começam por vogal, e em todos os femininos, em geral, deixa-se o artigo como estava no nominativo, e apenas se acrescenta *de* para o genitivo e *a* para o dativo. *L'etat, de l'etat, à l'etat. La vertu, de la vertu, à la vertu.* [O estado, do estado, ao estado. A virtude, da virtude, à virtude.] (II, 7, p. 53)

No capítulo sobre o pronome, os autores parecem tomar ainda menos precauções:

«No pronome *il*, o nominativo, *il* ou *elle*, e o acusativo, *le* ou *la*, dizem-se indiferentemente de toda sorte de coisas, ao passo que o dativo, o ablativo, o genitivo e o pronome *son*, *sa*, que faz as vezes do genitivo, não devem dizer-se ordinariamente senão das pessoas.» (II, 8, p. 63)

A expressão *nominatif du verbe* [*nominativo do verbo*] aplicada ao francês reaparece igualmente duas vezes no capítulo sobre os verbos auxiliares (II, 20): em *il a aimé* [*ele amou*], «o nominativo do verbo não causa nenhuma mudança no participio» (p. 139), mas, em *Cette femme est allée à Paris* [*Essa mulher foi a Paris*], «o participio concorda em número e gênero com o nominativo do verbo» (p. 150).

Do mesmo modo, na sintaxe (II, 24), entre as «algumas máximas gerais, de grande uso em todas as línguas», «a 1^a, que nunca há nominativo que não tenha relação com algum verbo expresso ou subentendido», «a 2^a, que não há também verbo que não tenha seu nominativo expresso ou subentendido» (p. 155). Por mais que os Senhores tenham imposto, desde o início, o termo *su-jet* [sujeito], é *nominatif* [nominativo] que volta, por assim dizer, instintivamente sob sua pena para designar a oposição verbo-nominal.

9. O VERBO E SUAS VARIEDADES

Les Messieurs [Os Senhores de Port-Royal] sonham com um verbo reduzido a uma única função, a de apenas assinalar a ligação entre os dois termos da proposição, produto da afirmação:

O verbo, por si mesmo, não deveria ter outro emprego senão o de marcar a ligação que fazemos em nosso espírito entre os dois termos de uma proposição. No entanto, apenas o verbo estre [ser], que se chama substantif [substantivo], se conservou nessa simplicidade, e pode-se ainda dizer que ele só se conservou propriamente na terceira pessoa do presente, est [é/está], e em certos casos. (II, 13, p. 96)

Não obstante, o verbo pode encerrar um atributo: em *Petrus vivit* [Pedro vive], *Petrus* [Pedro] encerra «o atributo de ser vivo» (p. 96); ele pode encerrar também o sujeito da proposição, como *vivo* [vivo], que encerra ao mesmo tempo a afirmação, o atributo e o sujeito (p. 97).

O verbo mais puro é o «verbo substantivo», mas não quando significa a existência:

Vemos até que o verbo substantivo *sum* [sou], *je suis* [eu sou] é muitas vezes adjetivo, porque, em vez de tomá-lo como significando simplesmente a afirmação, junta-se a ele o mais geral de todos os atributos, que é o ser; como quando digo: penso, logo existo; *je suis* [eu sou] significa aí *sum ens* [sou ente], sou um ente, uma coisa. (II, 18, p. 120-121)

E esse próprio verbo substantivo é dotado de acidentes, a saber, a pessoa, o número e o tempo (p. 102). Percebe-se um certo arrependimento nos Senhores, que sonham com um verbo sem atributos. A pessoa é, por exemplo, um atributo problemático: «a palavra *personne* [pessoa] [...] só convém propriamente às substâncias racionais e inteligentes» (II, 16, p. 106), portanto apenas à primeira e à segunda pessoas, ao passo que «a terceira é para toda sorte de coisas e não apenas para as pessoas» (ibid.). A esse título, «as *Langues orientales* [línguas orientais]» têm razão em fazer dessa terceira pessoa «o *thème du verbe* [tema do verbo]», isto é, sua expressão mais pura (ibid.).

Que fazer então de toda essa bagagem incômoda que acompanha o verbo quando ele não está em sua expressão mais simples? Pensamos, em particular, na *diathesis* [diátese] dos gregos, no *genus* (ou *significatio* [significação]) dos latinos, aquilo que mais tarde se tornará, em francês, a «*voix verbale*» [voz verbal]. Os Senhores sentem-se obrigados a abordar essa questão, tratada havia séculos, um pouco contra a própria inclinação: arriscam a expressão de *verbes adjectifs* [verbos adjetivos] («verbos que se poderiam chamar *adjetivos*»), que já existe, de fato, tanto na gramática escolar (Despautère 1537) quanto na gramática especulativa (Caramuel y Lobkowitz 1654), e propõem uma divisão em três categorias:

Isso não impede, contudo, que se possa manter a divisão comum desses verbos em *actifs* [ativos], *passifs* [passivos] e *neutres* [neutros]. (II, 18, p. 121)

A oposição entre *actifs* [ativos] e *passifs* [passivos] faz-se sobre uma base morfológica: é por meio da «*inflexion*» [inflexão] que se opõem *amo* e *amor*, o que se encontra em latim, em grego e nas línguas orientais. Intercala-se aí «um recíproco que participa de um e de outro, como *s'aimer* [amar-se], que significa a ação do verbo sobre o próprio sujeito do verbo» (p. 122).

Diz-se igualmente que «as línguas vulgares da Europa não têm passivo», ideia corrente na gramática francesa do século XVI (Garnier 1558; Serreius 1623 [1598]) e que traduz a convicção de que é a «*inflexion*» [inflexão] que constitui a voz verbal.

Que lugar cabe aos verbos neutros? Os Senhores lembram que alguns gramáticos os chamam «*Verba intransitiva* [verbos intransitivos], verbos que não passam para fora» (p. 122)⁷ e que existem várias categorias deles: expressão de uma qualidade (*albet* [é branco]), de uma situação (*sedet* [está sentado]), de uma relação com o lugar (*adest* [está presente]), de outro estado ou atributo (*quiescit* [está em repouso], *excellit* [excede, se sobressai]), do não-passamento de um sujeito a outro sujeito ou a um objeto, como em *dinner* [jantar], *souper* [cear], *marcher* [andar, marchar], *parler* [falar] (p. 123).

Os Senhores acrescentam que «essas últimas espécies de verbos neutros tornam-se às vezes transitivos, quando se lhes dá um sujeito, como em *ambulare viam* [percorrer o caminho], em que o caminho é tomado como sujeito dessa

⁷ Retomados infra, «*verbes intransitifs* [verbos intransitivos], isto é, cuja ação não passa para fora daquele que age» (II, 22, p. 149).

ação» (ibid.). Aí se tem uma das duas ocorrências de *transitif* [*transitivo*]⁸, mas a coleta para aí. Embora, desde Prisciano, a sintaxe latina tenha sido em grande parte construída em torno da sintaxe do verbo e das noções de transitividade/intransitividade – retomadas amplamente na tradição francesa (por exemplo, em *Meigret* 1550, *Maupas* 1618 ou *Oudin* 1640 [1632]) –, a *GGR* reserva um lugar bastante mínimo a essas questões, que já não fazem parte das preocupações essenciais de seus autores. Em seu lugar, dois termos, *sujet* [*sujeito*] e *objet* [*objeto*], que aparecem associados com bastante constância.

10. SUJEITO E OBJETO

- (1) Os verbos que significam ações que passam para fora do que age, como *battre* [bater], *rompre* [quebrar/romper], *guérir* [curar], *aimer* [amar], *hair* [odiar], têm sujeitos em que essas coisas são recebidas, ou objetos a que elas se referem. Pois, se se bate, bate-se em alguém; se se ama, ama-se alguma coisa etc. E assim esses verbos pedem depois de si um nome que seja o sujeito ou o objeto da ação que significam. (II, 6, p. 49)
- (2) Os outros verbos neutros significam ações, mas que não passam a um sujeito diferente daquele que age, ou que não se referem a outro objeto; como *disner* [jantar], *souper* [cear], *marcher* [andar, marchar], *parler* [falar]. (II, 18, p. 123)
- (3) Os verbos que não significam nenhuma ação, mas algum estado, como *quiescit* [está em repouso], *existit* [existe], ou alguma qualidade, como *albet* [é branco], *calet* [está quente], não têm acusativo que possam reger; e, quanto aos outros, é preciso ver se a ação que eles significam tem um su

⁸ A segunda é: «Alguns desses verbos, de *intransitifs* [intransitivos], tornam-se *transitifs* [transitivos] e propriamente ativos» (II, 22, p. 150). O exemplo dado é: *Cette femme a monté la montagne* [Essa mulher subiu a montanha].

jeito ou um objeto que possa ser diferente daquele que age. Pois então o verbo rege o sujeito ou esse objeto no acusativo. (II, 18, p. 124)

(4) Em todos os verbos ativos, [...] o recíproco *se* [...] indica que a ação tem por sujeito ou por objeto aquele mesmo que age, *se tuer* [matar-se], *se voir* [ver-se], *se connoistre* [conhecer-se]. (II, 22, p. 145)

Sujeito e objeto estão associados por ou nessas quatro citações. Em (1), *sujeito* parece designar uma pessoa (*quelqu'un*) [alguém] e *objeto* um ser inanimado (*quelque chose*) [algo]. Podemos supô-lo também em (2). É muito mais difícil dizê-lo em (3), na ausência de exemplo. Mas em (4), em todos os casos trata-se de uma pessoa sobre a qual recai o ato realizado, de modo que temos a impressão de que os dois termos são sinônimos. A definição dos verbos ativos oferece outra pista de interpretação:

(5) Chamam-se propriamente *Actifs* [verbos ativos] <os verbos> que significam uma ação à qual se opõe uma paixão, como *battre, estre battu* [bater/ser batido]; *aimer, estre aimé* [amar/ser amado]: seja porque essas ações se encerram em um sujeito, o que se chama *action réelle* [ação real], como *battre* [bater], *rompre* [romper], *tuer* [matar], *noircir* [enegrecer] etc.; seja porque elas se encerram apenas em um objeto, o que se chama *action intentionnelle* [ação intencional], como *aimer* [amar], *connoistre* [conhecer], *voir* [ver]. (II, 18, p. 121)

Como interpretar o texto? Na ação real, a ação exerce-se realmente sobre um ser que é “sujeito” porque ele sofre fisicamente a ação exercida pelos verbos *battre* [bater], *rompre* [romper], *tuer* [matar], *noircir* [enegrecer]; na

ação intencional, esse ser é “objeto” porque os verbos [amar], [conhecer], ver exprimem uma ação que não acarreta nenhuma modificação desse ser: de certa forma, a ação permanece interna àquilo que chamamos de “sujeito”. Não se trata, portanto, nem da oposição animado/inanimado, nem da oposição gramatical moderna entre sujeito e objeto. Mas é, em todo caso, interessante ver que o *objeto* da gramática posterior é bastante constantemente associado a *sujeito*, em um sentido que não é restrito à estrutura *sujet – liaison – attribut* [sujeito – ligação – atributo].

11. *CONVENIÊNCIA E REGIME, GOVERNAR E REGER*

Convenance [conveniência] (diríamos hoje *accord* [concordância]) e *régime* [regime] (diríamos hoje *rection* [regência]) são os dois constituintes essenciais da sintaxe na gramática desde a Renascença. Na GGR, o verbo *convenir* [convir] também aparece em um sentido bem mais amplo e menos técnico. *Convenance* [conveniência] só aparece no capítulo II, 24 (p. 153-154), como uma variedade de *construction* [construção]: “a de Conveniência, quando as palavras devem convir entre si” (p. 153). É o que os gramáticos do latim chamam, na mesma época, *concordia*, ou *concordantia*, ou ainda *conuenientia*. *Régime* [regime/regência] (latim *regimen* ou *rectio*) é “quando uma das duas <palavras> causa uma variação na outra” (ibid.). Segundo os Senhores, a primeira – a conveniência – “é a mesma em todas as línguas” (ibid.), a segunda – regência – “quase toda arbitrária e, por essa razão, encontra-se muito diferente em todas as línguas” (p. 154-155).

Se há apenas uma família de termos para designar o *accord* [concordância], há duas para designar a *rection* [regência]. Ao lado do verbo *régir* [reger] (ver acima os exemplos dados para *sujet* [sujeito] e *objet* [objeto]), do

substantivo *régime* [regime / regência], encontra-se com bastante frequência na *GGR* [*Grammaire générale et raisonnée*] *gouverner* [governar]: uma preposição governa o *ablatif* [ablativo] (p. 51), um nome (ibid.), um relativo (p. 71); um *nom verbal* [nome verbal] “governa o caso de seu verbo” ou “como substantivo governa o *genitif* [genitivo]” (p. 133). Mas, em virtude da gramática *sanctienne* [de Sanctius], “nem em grego nem em latim qualquer verbo governa propriamente o *genitif* [genitivo]” (p. 156). A *GGR* [*Grammaire générale et raisonnée*] acrescenta que “essa regra pode ser mais dificilmente aplicada às línguas vulgares, porque a partícula *de*, que é a marca do *genitif* [genitivo], é frequentemente empregada em lugar da preposição *ex* ou *de*” (ibid.). O que equivale a dizer que, em *je sors de la maison* [eu saio de casa / da casa], *de* não deve ser analisado como um genitivo, apesar da homonímia da partícula *de*, marca de genitivo, com a preposição *de*.

12. FIGURAS E MANIPULAÇÕES

A *GGR* (II, 24, p. 158-160) introduz as figuras de construção na gramática francesa, sob a forma do esquema quadripartido herdado da gramática *sanctienne* [de Sanctius]. A saber, “syllepse ou conception [silepse ou concepção]”, “ellipse ou défaut [elipse ou falta]”, “pléonasme ou abondance [pleonasma ou abundância]”, “hyperbate ou renversement [hipérbato ou inversão]”, sendo que os Messieurs tomam o cuidado de explicitar o termo grego original, que, entretanto, havia sido latinizado. O fato é digno de nota, pois, se essas figuras de construção são de fato um tema obrigatório da gramática latina desde o século XII, os gramáticos do francês raramente as mencionam. Aliás, é a partir de *Port-Royal* que o tratamento dessas figuras se torna corrente na gramática geral e na gramática francesa.

O procedimento mais corrente na gramática *sanctienne* é a *ellipse* [elipse]: parte-se de estruturas canônicas julgadas completas, das quais se subtrai um elemento. Por exemplo, Sanctius explica o relativo latino como sendo enquadrado por um antecedente e por uma recorrência deste último depois dele. Na *GGR*, a palavra *ellipse* [elipse] só aparece duas vezes. Mas o que a supre é *retrancher* [retrancher, retirar / suprimir] (p. 158), *suppression* [supressão] (a formação de um vocativo em francês faz-se pela supressão do artigo do nominativo, p. 45, 84) e, sobretudo, *sous-entendre* [subentender] (19 ocorrências). Por exemplo: “Os ofícios de homens, *Rex, Iudex, Philosophus* etc. [...] são do masculino, porque se subentende *homo*; e os ofícios de mulheres são do feminino, como *mater, uxor, regina* etc., porque se subentende *mulier*” (p. 40). A sintaxe supõe que, em todas as línguas, “nunca há um Nominativo que não se relacione com algum verbo expresso ou subentendido” e que “também não há verbo que não tenha seu Nominativo expresso ou subentendido” (p. 155). A restituição pode apresentar-se sob a forma abreviada *sup.* (= *suppléer* [suprir, subentender]): “*triste lupus stabulis, sup. Negotium⁹: patria, sup. Terra: Iudaea, sup. Provincia*” (p. 34).

A operação inversa é mencionada com muito menos frequência: nas construções em que o relativo é retomado por um demonstrativo, do tipo *pulvis quem projicit eum ventus*¹⁰ [o pó que o vento lança] (II, 9, p. 73), os gramáticos, por não terem compreendido bem o duplo papel do relativo (subordinante e anafórico), “foram levados a dizer que se tratava de um *Pleonasme* [pleonasma]; isto é, de uma superfluidade inútil” (p. 74).

A *syllepse* [silepse] é sobretudo ilustrada por exemplos latinos, os da tradição, aos quais se junta a expressão francesa *il est six heures* [“São seis

⁹ “O lobo é <coisa> funesta para os estábulos” (Virgílio, *Bucólicas*, 3, 80).

¹⁰ Literalmente: “a poeira que o vento a projeta”.

horas”], em vez de dizer: *Elles sont six heures* [*elas são seis horas], forma outrora ouvida (p. 158-159).

O *hyperbate* [hipérbato] perturba a *ordem natural*, que está do lado do francês mais do que do latim, visto que nossa língua “gosta particularmente da clareza, e de exprimir as coisas, tanto quanto possível, na ordem mais natural e mais desembaraçada” (p. 160).

13. EM CONCLUSÃO, UMA TERMINOLOGIA BASTANTE POUCO ESPECIALIZADA.

Na realidade, os termos mais presentes na *GGR* são palavras de uso corrente. Os Senhores insistem na observação (observer, remarquer: *il est utile de remarquer* [“é útil observar”], *on peut remarquer* [“pode-se observar”], *il faut remarquer* [“é preciso observar”], *il y a quelques remarques à faire* [“há algumas observações a fazer”] etc.), na necessidade dos “homens” em geral (25 ocorrências de *les hommes*, por exemplo *les hommes ayant eu besoin de signes* [“os homens tendo precisado de signos”], p. 29), na invenção atribuída a esses mesmos homens (por exemplo, *les signes que les hommes ont inventés* [“os signos que os homens inventaram”], p. 5) e na *maneira* (cerca de quarenta ocorrências do termo) como eles puseram em prática essas invenções. Foi-lhes necessário estabelecer *relações* (48 ocorrências, muitas delas no capítulo sobre os casos, que permitem considerar as coisas “com as diversas relações que elas têm umas com as outras”, p. 43), *resolver* palavras ou expressões (“o *que* dos franceses” [*le que des François*], “quantidade de proposições difíceis” [*quantité de propositions difficiles*], as impessoais) ou *reduzir* exemplos ou “as principais relações” [*les principaux rapports*] (p. 88). Os *Senhores de Port-Royal* são sensíveis à diversidade (*divers, diversité*), à *utilidade* (*utile e tres-utile* [útil e muito útil]), ao *uso* (com suas *peculiaridades* ou *capri-*

chos), à *novidade* trazida sobretudo pelas *línguas vulgares*, e até mesmo à *beleza* de nossa língua, “que não cede a nenhuma outra em beleza nem em elegância” [*qui ne cede à aucune autre en beauté ny en élégance*] (p. 160), segundo as últimas palavras de um texto que se dirige mais às pessoas honestas do que aos especialistas, mas que esconde, sob a aparente simplicidade de seu metalinguagem, dificuldades formidáveis.

REFERÊNCIAS :

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Grammaire générale et raisonnée**. 3^a ed. Paris: Pierre Le Petit, 1676 [1660]. Edição comentada por B. Colombat e J.-M. Fournier. Paris: Classiques Garnier (Descriptions et théories de la langue française, 7), 2023.

[Edição brasileira]

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal ou Gramática Geral e Razoada**. 2 ed. Trad. Bruno Fregni Basseto; Henrique Graciano Muracho. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARAMUEL Y LOBKOWITZ, Juan. *Grammatica audax*. In: **Praecursor logicus complectens Grammaticam audacem, cuius partes sunt tres, methodica, metrica, critica** Frankfurt: J. G. Schönwetterus, 1654. Reprodução, com introdução de Ramón Sarmiento. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog (*Grammatica universalis*), 1989.

DESPAUTÈRE, Jean. **Commentarii Grammatici**. Paris: Robert Estienne, 1537.

DOMINICY, Marc. **La naissance de la grammaire moderne. Langage, logique et philosophie à Port-Royal**. Bruxelas, Liège: Mardaga, 1984.

GARNIER, Jean. **Institutio Gallicae linguae in usum iuuentutis Germanicae**. Genebra: Jean Crispin, 1558. Introdução, tradução e notas de Alain Cullièrre. Paris: Champion, 2006.

MAUPAS, Charles. **Grammaire et syntaxe française**. 2^a ed. Orléans: Olivier Boynard e Jean Nyon, 1618 [1607]. Editado por Nathalie Fournier. Paris: Classiques Garnier, 2021.



MEIGRET, Louis. **Le tēttē de la grammere françoēze**. Paris: Chrestien Wechel, 1550. Edição com grafia modernizada de Franz Josef Hausmann. Tübingen: Gunter Narr, 1980.

NEVEU, Franck. **Dictionnaire des sciences du langage**. Paris: Armand Colin, 2004.

[Edição brasileira]

NEVEU, Franck. **Dicionário de Ciências da Linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOUDIN, Antoine. **Grammaire françoise rapportée au langage du temps**. Paris: Antoine de Sommaville, 1640 [1632].

ROIG, Audrey; TOUTAIN, Anne-Gaëlle (ed.). **Concert mondial de linguistique française**. Lyon: ENS Éditions, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.enseditions.45221>. Acesso em: 30 jan. 2026.

RAMUS, Petrus. **Grammaire**. Paris: André Wechel, 1572. Edição anotada por Colette Demaizière. Paris: Champion, 2001.

SANCTIUS, Franciscus. **Minerva, seu de causis linguae Latinae**. Salamanca: J. e A. Renaut, 1587. Introdução, tradução e notas de Geneviève Clerico. Villeneuve d'Ascq: Presses universitaire de Lille, 1982.

CHAD, Samantha. **A Lexicon of Latin grammatical terminology**. Pisa/Roma: Fabrizio Serra, 2007.

SERREIUS, Joannes. **Grammatica Gallica nova**. 6^a ed. Estrasburgo: Lazare Zetzner, 1623 [1598]. Introdução, tradução e notas de Alberte Jacquetin-Gaudet. Paris: Champion, 2005.